

social

POR MEIO DA DOAÇÃO DE PERUCAS, ONGS E EMPRESAS ELEVAM AUTOESTIMA DE MULHERES EM TRATAMENTO QUIMIOTERÁPICO

Solidariedade capilarizada

Em uma manhã de fevereiro de 2007, a empresária Aline Lopes descobriu um nódulo no seio direito, enquanto tomava banho. Aos 33 anos, ela vivia um momento muito especial: estava grávida de seu primeiro filho. Logo veio à cabeça a ideia de que aquilo era uma alteração qualquer causada pelos hormônios da gestação. Afinal, o corpo da mulher muda muito nessa fase. E ela nunca ouvira falar em alguém grávida e com câncer. No seu entendimento, eram duas coisas que não combinavam.

Aline estava errada. Mesmo achando que não era nada demais, foi à ginecologista, que pediu alguns exames e até mesmo uma biopsia. O resultado foi positivo para carcinoma. Exatos 16 dias depois da descoberta do nódulo, foi feita a cirurgia para retirada total da mama. Grávida de 21 semanas, Aline começou a fazer quimioterapia e a sofrer todos os efeitos colaterais do tratamento, como enjoos e perda de cabelos. O primeiro capítulo dessa história teve final feliz. Com 34 semanas de gestação, ela deu à luz um menino forte e saudável.

Numa época em que a internet não tinha toda a força de hoje e o Orkut ainda era visto como novidade, Aline fez do mundo virtual ferramenta de pesquisa sobre a doença e também uma maneira de compartilhar suas dores e aprendizados. Ela notou que os sites relacionados ao câncer eram muito carentes de informação e que não existia praticamente

nenhum que falasse do assunto de uma maneira mais leve e voltada para o público jovem.

Em novembro do mesmo ano e já com o filho nos braços, Aline foi visitar a irmã Marcelle Medeiros, que passava uma temporada nos Estados Unidos. A lembrança desse encontro ainda está viva na memória de Marcelle. “A campanha do Outubro Rosa [de incentivo à detecção precoce do câncer de mama] era muito forte lá. Começamos a pensar como poderíamos criar um projeto que ajudasse as vítimas da doença. Aline queria devolver para o universo tudo o que viveu e aprendeu com aquilo”, recorda Marcelle.

Com vasta experiência em marketing, as duas iniciaram o desenho de um site, que mais tarde daria origem à Fundação Laço Rosa. Para isso, contaram com mais um elemento que fecharia um triângulo de luta e fé, a terceira irmã, Andrea Ferreira, que também resolveu abraçar a causa.

As três, que já tinham perdido o pai em decorrência de um câncer renal, enfrentaram juntas mais um drama. Aproximadamente um ano e meio depois desse encontro, a doença atingiu novamente Aline, mas dessa vez de forma bem mais agressiva, no fígado, e com metástase óssea. Ela não resistiu e morreu em novembro de 2010, um mês depois do lançamento da Fundação, criada com o objetivo de informar e ajudar pessoas atingidas pelo câncer.

Triângulo de luta e fé:
Andrea, Marcelle e Aline



FORÇA NA PERUCA

Segundo Marcelle, a Laço Rosa foi pioneira em lançar um banco de perucas online para doação. Ela se lembra do dia em que a irmã perdeu os cabelos e de todas as dificuldades que enfrentou nessa fase. “A Aline chorou um dia inteiro. Parece que é nessa hora que realmente não se pode mais esconder a doença. A falta de um seio é disfarçada pela roupa, mas uma mulher careca, mesmo usando lenço, não tem jeito, é associada ao câncer. Uma pessoa me falou que a sensação é a mesma de estar em meio a uma multidão, e alguém tirar sua roupa, sem sua autorização. Você fica nua, sem ter o que fazer. Então é possível entender como o desconforto é enorme”, conta.

As perucas, principal recurso nesse caso, nem sempre são acessíveis. O preço varia de R\$ 250 (cabelo sintético) até R\$ 4 mil (fios naturais). Sem trabalho por conta do tratamento, a comunicadora Manuela Mygard, 30 anos, não tinha condições de adquirir uma. “Pesquisei na internet e achei uma peruca por R\$ 700. Estava totalmente fora do meu orçamento. Conheci a fundação pelo Facebook e me cadastrei assim que soube da possibilidade de ganhar uma peruca”, revela.

Manuela se trata há dois anos de um câncer de mama com metástase óssea. Depois que perdeu os cabelos em consequência da quimioterapia, começou a se isolar, quase não saía de casa. “Eu fiquei muito triste. Minha mãe se incomodava muito com o

fato de as pessoas olharem para mim na rua. Muitas vezes, a situação era constrangedora; ela discutia com quem estivesse olhando. Notei que meu filho, de 8 anos, também sofria com tudo aquilo. Fui me isolando, até praticamente não ter mais ânimo de sair de casa”, confessa.

Ela não se esquece do primeiro dia em que usou a peruca. “Fui levar meu filho à escola. Só o fato de ter colocado a peruca fez com que eu me arrumasse mais, fiquei com vontade de me produzir. Quando chegamos, cerca de dez coleguinhas que estudavam com ele correram em minha direção, me abraçando e falando: ‘Tia, você está linda’. O brilho nos olhos do meu filho quando me viu foi inesquecível”, recorda.

O banco de perucas funciona da seguinte forma: a pessoa se cadastra no site e envia duas fotos: uma de antes e outra após a perda dos cabelos. Assim, a fundação (que conta com visagistas voluntários – profissionais que cuidam da imagem) estuda a melhor opção, analisando como era o cabelo original e como a mulher ficaria ou quer ficar. Quando a peruca ideal é encontrada, é enviada uma foto por e-mail. Se a paciente aprovar o modelo selecionado, receberá pelo correio um kit, com a peruca e alguns adereços para elevar sua autoestima, como bijuterias e maquiagem. Todo o processo acontece em aproximadamente um mês.

A higienização das perucas é feita pelo Studio Jackbell, um dos parceiros da fundação. Também apoiam a iniciativa, entre outras empresas e instituições, a ONG Entre Amigas, da jornalista Márcia Peltier, e o Metrô do Rio de Janeiro, que cederam um espaço onde fica a sede da Laço Rosa.

O MORRO TAMBÉM TEM VEZ

Em pouco mais de três anos, a Fundação Laço Rosa alcançou muitas conquistas em suas campanhas de conscientização sobre a detecção precoce do câncer de mama e o resgate da autoestima. O banco de



Banco de perucas online já beneficiou mais de 300 mulheres

“Parece que é nessa hora que realmente não se pode mais esconder a doença. A falta de um seio é disfarçada pela roupa, mas uma mulher careca, mesmo usando lenço, não tem jeito, é associada ao câncer”

MARCELLE MEDEIROS,
da Fundação Laço Rosa



Quatro vezes Manuela: sob os efeitos da quimioterapia; usando peruca; com o filho; e já com o cabelo crescido

perucas, em dois anos, ajudou mais de 300 mulheres de todo o País, com idades entre 17 e 68 anos – a meta é beneficiar mil pacientes até o final de 2014.

A fundação promove outros projetos no sentido de alertar sobre o diagnóstico precoce deste tipo de câncer. Um deles é o Rosas do Morro, que leva informação sobre a doença e direitos da mulher a comunidades carentes por meio de palestras e workshops.

O projeto Educar para Cuidar, por sua vez, consiste em palestras em escolas da rede pública de ensino, que disseminam entre crianças e adolescentes a importância da detecção precoce do câncer de mama e fazem com que eles levem essa mensagem para casa. Em outubro, a fundação realiza, com o apoio de patrocinadores, o evento Onda Rosa, que ilumina os principais monumentos da cidade do Rio de Janeiro com a cor que simboliza a luta pelo controle do câncer de mama. ■

OUTRAS INICIATIVAS, MESMO PROPÓSITO

Os trotes já foram motivo de muita polêmica nas faculdades, mas a iniciativa de transformar essa prática em ato de solidariedade vem tomando corpo. Este ano, aprovados no vestibular do Instituto de Matemática e Estatística da Universidade de São Paulo (IME/USP) doaram os cabelos cortados durante o trote para a confecção de perucas para crianças com câncer.

As doações foram destinadas à ONG Cabelegria, que começou no Facebook e atualmente conta com mais de 37 mil seguidores. O projeto nasceu na internet, em outubro de 2013, e até fevereiro havia beneficiado quatro crianças. Para fabricar as perucas é necessário que as mechas tenham pelo menos 10 cm de comprimento.

A ideia da ONG partiu da designer gráfica Mariana Robrahn e da publicitária Mylene Duarte. “Já havia um projeto para ajudar pacientes da Santa Casa, e uma amiga nossa cortou o cabelo e doou. Começamos a comentar com pessoas próximas, pedindo que, se fossem cortar o cabelo, guardassem os fios. Ao perceber que a reação era muito positiva, Mylene decidiu criar um evento no Facebook informando a possibilidade de doar as mechas e ajudar crianças com câncer”, conta Mariana.

Na rede social, é possível acompanhar o registro das doações. A ONG aceita qualquer tipo de cabelo, mesmo os que já passaram por processos químicos. Quem desejar doar, deve colocar os fios dentro de um saco plástico e enviar para a Avenida Parada Pinto, 3.420, bl. 6, ap. 33 – Vila Nova Cachoeirinha – São Paulo – SP – CEP 02611-001.

Há dois anos, a loja Varanda do Cabelo, no Rio (tel.: 2221-2097), recebe mechas de qualquer tipo de



Eloísa Souza, da Varanda do Cabelo: doação para o INCAvoluntário

cabelo (medindo a partir de 20 cm de comprimento) e as transforma em perucas para pacientes em tratamento no INCA. Até agora foram doadas à Área de Ações Voluntárias (INCAvoluntário) 124 perucas (tanto de cabelos naturais quanto de fios sintéticos), que são emprestadas a pacientes do Instituto.

A ação ganhou o apoio da empresária Ana Cláudia Carvalho de Siqueira. Em dezembro, ela procurou o INCAvoluntário querendo saber como podia colaborar com a instituição e soube da parceria com a Varanda do Cabelo. No fim de fevereiro, Ana Cláudia mobilizou foliões em blocos carnavalescos para aderir ao ato solidário. “Preto continuar com esse trabalho o ano todo. Tenho uma loja em Niterói (RJ) que será um ponto para receber as mechas. Nos eventos dos quais a empresa participar, vou disponibilizar cabeleireiros para cortar as madeixas na hora”, anuncia. O INCAvoluntário frisa que não recebe doação de cabelos; apenas de perucas prontas.